

COMO VENTO

de Luís Alberto de Abreu

Personagens

Apresentador Lau

Palhaço Luís

Palhaço Gustarrão

Trapezista Mauro

Bailarina Íris

Branca (mulher que sonhou ser circense)

Ungária (viúva, dona do circo)

Marília (cigana)

Cena 1

Memória de um tempo vivo num cortejo de mortos

(UM ALEGRE GRUPO DE CIRCENSES ENTRA LENTAMENTE NO PALCO OU JÁ PODEM ESTAR ESPALHADOS PELO PALCO EM ESTADO DE LETARGIA E, LENTAMENTE, ACORDAR E COMPOR O CORTEJO. AS ROUPAS ALEGRES, OS GESTOS AMPLOS, OS SORRISOS E AS MÁSCARAS RISONHAS DOS PALHAÇOS CONTRASTAM COM O TORPOR DOS MOVIMENTOS. SÃO MOVIMENTOS SINCOPADOS DE QUEM ACORDA DE REPENTE E, LOGO APÓS, IMERGE EM SONO. POR INTANTES BRILHA A ALEGRIA LOGO SUBSTITUIDA PELO TORPOR E, ASSIM, SUCESSIVAMENTE COMPÕEM PELO PALCO UMA ESTRANHA COREOGRAFIA DE SONO E VIGILIA. NÃO HÁ RIGIDEZ QUANTO AOS PERSONAGENS QUE

OS CIRCENSES INTERPRETAM, MAS APENAS SUGESTÃO DE QUE EXISTAM DOIS PALHACOS (LUÍS E AUGUSTO), UMA BAILARINA (ÍRIS), UM TRAPEZISTA (MAURO) E O APRESENTADOR (LAU). OS OUTROS PERSONAGENS DO CORTEJO (BRANCA, UNGÁRIA E MARÍLIA) FICAM A CRITÉRIO DO GRUPO E DO ENCENADOR. OUVEM-SE SEIS TOQUES DE SINO. AO SEGUNDO TOQUE DO SINO O APRESENTADOR SE DESTACA DO GRUPO E CAMINHA EM DIREÇÃO AO PÚBLICO. PÁRA E SÓ INICIA SUA FALA AO FINAL DO SEXTO DOBRE DO SINO.)

Apresentador (FELIZ) Há quanto tempo não se ouve um som puro do bronze de um sino devassar o ar calmo das tardes! Seis horas, Ave, Maria! Hora de recolher a família em volta da mesa, repousar o coração do cansaço e da aflição do dia, o silêncio do mundo quebrado apenas pelo rádio e por conversas e histórias contadas a meia voz. Logo, lâmpadas e luzes vão se extinguir e as cidades e o mundo vão mergulhar em escuridão e sono. (COCHILO RAPIDÍSSIMO) Era uma vez assim.(COMO SE ACORDASSE E PERCEBESSE O PÚBLICO) Boa noite. Dêem-me o precioso presente de seu olhar e de sua atenção por alguns instantes apenas. Dêem-me licença para invejar a vida que pulsa em cada um de vocês. (EMOCIONANDO-SE) Abençoados sejam vocês pela vida que tiveram e ainda têm. Vida ainda por fazer e por moldar como quiserem. E amar e construir e destruir e construir novamente. E perder o amor e amar novamente. Abençoado o tempo e abençoada a vida que têm. E os dias que podem ser sempre diferentes. (COBRE O ROSTO E REPRIME A EMOÇÃO. SORRI) Nós somos mortos e os nossos dias são sempre iguais. Tivemos vida num tempo em que os sinos tocavam e seu som percorria largas distâncias no puro silêncio das tardes. Fomos vivos num tempo assim. (O CORTEJO SE DESFAZ E CADA INTEGRANTE COMEÇA A FAZER GESTOS DE SUA PROFISSÃO. BAILARINA DANÇA, PALHAÇO AUGUSTO FAZ GAGS SOB O OLHAR REPROVADOR E RUDE DE LUÍS, TRAPEZISTA FAZ FLEXÕES OU SOBE AO TRAPÉZIO, ETC.) Fomos gente de circo, de picadeiro e serragem nas veias. Gente que invadia as cidades na calma dos dias e com a violên-

cia da alegria, com a violência da novidade, com a violência do sonho, sacudia cada alma de homem, velho, mulher e criança, ao chamado de nossa música e de nossos gritos e de nossa representação! (PALHAÇO AUGUSTO DÁ UM TOQUE DE CORNETA OU UMA FRASE MUSICAL DE SANFONA INTERROMPENDO O APRESENTADOR QUE LHE LANÇA UMA INTERJEIÇÃO EXIGINDO SILÊNCIO. PALHAÇO SE RETRAI POR MOMENTOS. DEPOIS, CURIOSO, APROXIMA-SE DO APRESENTADOR PARA OUVIR MELHOR.) Agora, todos os dias, ao final da tarde, saímos de nossa inconsciência e desmemória e, pelas doze horas que duram a noite, aos poucos e com esforço, relembramos do nosso tempo de vida. E, ao nascer do dia, de novo, mergulhamos nas águas do esquecimento. E assim, todo os dias, a cada dia, sem mudança, é nossa vida de mortos. (PALHAÇO AUGUSTO RI E DA UMA CORRIDINHA SE DISTANCIANDO DO APRESENTADOR. PÁRA, TOCA-SE COM AS MÃOS PARA CERTIFICAR-SE QUE ESTÁ VIVO E RI MAIS. DÁ CORRIDINHA. PÁRA, TOCA-SE E RI COM MAIS INTENSIDADE SUA GARGALHADA DE PALHAÇO CHAMANDO A ATENÇÃO DOS OUTROS CIRCENSES. APRESENTADOR REAFIRMA, COM MAIS FORÇA, PARA OS CIRCENSES A SENTENÇA FATAL) Estamos todos mortos! (APÓS UM INSTANTE DE SILÊNCIO E PERPLEXIDADE, OS CIRCENSES TODOS, COM EXCEÇÃO DE LUÍS, EXPLODEM EM GARGALHADA QUE SE PROLONGA ATÉ QUE LUÍS DÁ UM TAPA EM AUGUSTO, FAZENDO CESSAR O RISO COLETIVO. AUGUSTO PUXA A RESPIRAÇÃO DURANTE LONGO TEMPO, FAZ UM BEIÇO ENORME, CONTORCE O ROSTO E EXPLODE EM CHORO NÃO SE SABE SE CÔMICO OU SINCERO.) Sinceramente peço que nos perdoe, mas não viemos aqui para louvar o circo, viemos para enterrá-lo. Pois ele está tão morto quanto o tempo e as antigas cidades onde o circo vicejou e foi amado. Perdoe-nos a franqueza de lembrar, mas o circo está morto como os sons dos sinos de bronze nas tardes de silêncio

das velhas cidades. E nós, mortos, invejamos a preciosa benção que vocês todos carregam: a vida. (TEM UM LAMPEJO. SORRI.) Meu nome é Lau, Nicolau. Aos poucos as lembranças de nossa vida retornam. (FALA MUITO LENTAMENTE, ESCANDINDO AS SÍLABAS.) Era uma vez assim.

Cena 2

Um jorro de imagens

(APRESENTADOR NARRA AOS CIRCENSES)

Apresentador	O que me lembro é de uma tarde de sol. Sábado. (FELIZ) É isso! Nós estávamos dentro dessa tarde e vínhamos, barulhentos, pela rua calçada de pedra. Eu gritava: (GRITA FELIZ) Respeitável público! Venham assistir ao maior espetáculo que seus olhos já viram! Íris, a graciosa bailarina sobre cavalos! (ÍRIS CURVA-SE) Mauro, o trapezista que desafia a morte a dez metros do chão! (MAURO CURVA-SE) E o mais fantástico elenco de artistas! (AS TRÊS MULHERES RESTANTES DEPOIS DE UM MOMENTO DE INDECISÃO – NÃO LEMBRAM QUEM SÃO CURVAM-SE) E o fenomenal palhaço Gustarrão! (A-PONTA PARA GUSTARRÃO) Você, Gustarrão...
Gustarrão	(GRITA FELIZ) Eeeuuu!
Apresentador	Vinha abrindo o cortejo com um burro...
Gustarrão	Embaixo ou encima?
Apresentador	(RI) Nesse dia, encima. Você e o burro revezavam.
Gustarrão	O danado burro me enganou três vezes no revezamento!
Apresentador	Montado de costas no burro, com seu chapéu de tonto, você abria nosso cortejo... Lembro mais! As crianças gritavam, olhos arregalados e risos, risos muitos na boca... O povo aglomerado gargalhava sem parada.

Gustarrão

Era quando eu peidava talco! (TOCA CORNETA COM ESFORÇO E UMA NUVEM DE TALCO SAI DE SEUS FUNDILHOS. OS CIRCENSES RIEM. AO PÚBLICO.)
Desculpe, mas é perfumado. (TODOS, COM EXCEÇÃO DE LUÍS, COMEÇAM A CANTAR E A FORMAR O CORTEJO. CANTAM PARA O PÚBLICO)

TODOS

O palhaço o que é?
É ladrão de mulher.
Ele é faca sem ponta,
é galinha sem pé
O sapato sem meia tem muito chulé.
Ele mama na vaca,
mas no gato não quer!

(OS CIRCENSES AOS POUCOS VÃO ERGUENDO O CENÁRIO DO CIRCO FEITO DE POUCOS ELEMENTOS. CONTINUAM CANTANDO ENQUANTO TRABALHAM.)

Vai começar
A brincadeira
Do seu Raimundo
E a dona Véia
Era uma vez,
A Dona Véia
Véia caiu
Todo mundo viu
Calcinha dela
Verde-amarela
Cor do Brasil
Vai ser a Véia
Quem bater palma!

(GOZAM DE QUEM BATER PALMAS)

Vai começar
A brincadeira
Da dona Véia
E seu Raimundo
Era uma vez

O seu Raimundo
Se abaixou
Soltou um pum
Mas que bodum
Ficou no ar
Doeu na alma
Vai ser Raimundo
Quem bater palma!

(GOZAM DE QUEM BATEU PALMAS)

Vai começar
A brincadeira
Do seu Raimundo
E a dona Véia
Era uma vez
A dona Véia
Foi numa festa
Véia raspou
Pêlo do queixo
Pêlo das pernas
Pêlo das ventas
Como é que pode
Raspou os pelos
Deixou o bigode.
Agora, calma
Vai ser a velha
Quem bater palma!

**(CIRCENSES TERMINAM DE ARMAR O CENÁRIO E OLHAM PARA O QUE
FIZERAM DESORIENTADOS. HÁ UM VÁCUO NA MEMÓRIA DELES.)**

Marília Gustarrão?

Gustarrão (AFLITO) Não lembro. Sei que sou um palhaço, mas o
que eu fazia? (PAUSA. LUÍS ROMPE O SILÊNCIO.)

Luís (RI) Qual o tosco sentido que pode ter relembrar se esta-
mos mortos? Relembrar pra que? Pra tanto esforço? Para
ao raiar do dia esquecermos tudo que lembramos e na

noite seguinte o mesmo inútil esforço de relembrar o que logo vamos esquecer?

- Branca Eu preciso lembrar!
- Luís Não percebe que esse é o nosso tormento? “Não existe maior dor do que recordar na desgraça os dias felizes.” Recordo esse verso da Divina Comédia como aviso a mim mesmo de que nada devo relembrar!
- Branca Não sei quem você é, mas seria uma caridade se calasse a boca! (LUÍS RI)
- Luís Já eu sei quem você é. E sei quem são todos vocês. Minha memória é clara, mas não me perguntem nada. Façam vocês mesmos o esforço inútil de relembrar o que foram! (IRIS GRITA, FELIZ.)
- Íris Ai, meu Deus! Eu lembro! Eu lembro! (OS CIRCENSES SE APROXIMAM AGITADOS)
- Branca O que? O que?
- Ungária Calma! Sem atropelo!
- Apresentador Deixem que ela fale!
- Mauro É lembrança sua ou nossa?
- Íris Não sei! Não sei, mas é um jorro, um rio de imagens, bendito seja Deus!, que me vem à lembrança!
- Branca Fala, por favor. (FAZ-SE SILÊNCIO)
- Íris Tem um homem batendo com uma marreta num cinzel. O cinzel fere uma enorme pedra!
- Gustarrão Que coisa é cinzel?
- Ungária Além de morto é burro! É uma espécie de talhadeira, pra lascar a pedra.
- Gustarrão Isso é lembrança de circo?

Marília	Cala a boca. Deixe que ela lembre.
Íris	Ah, meu Deus! Mauro! Você descia de uma corda. Você também, Gustarrão! (FIXA UNGÁRIA) Ungária! Seu nome é Ungária!
Ungária	(FELIZ) É. É esse meu nome!
Íris	Você entrava na parte cômica! E eu... eu era a filha!
Ungária	Era é um drama que a gente representava!
Marília	Eu também estou no drama?
Íris	Não, Marília, você não, mas você, Lau, era o canteiro! (MARÍLIA FELIZ REPETE PARA SI MESMA SEU NOME.)
Gustarrão	(RI) Com flores? Como é que se representa um canteiro?
Ungária	Canteiro, pessoa que trabalha em cantaria., que corta pedras! Eu lembro: chamava-se o "Homem de Pedra". (FELIZES E

AGITADOS OS CIRCENSES INICIAM A REPRESENTAÇÃO.)

Cena 3 O homem de pedra

Principais personagens desta representação:

Mauro:	Canteiro 1
Lau:	Canteiro 2
Gustarrão:	O próprio
Filha:	Íris

PRIMEIRO MOVIMENTO

(A REPRESENTAÇÃO PODE SER FEITA COM OU SEM A TÉCNICA DE

CORDA OU TECIDO. NA AUSÊNCIA DESSA TÉCNICA CIRCENSE UMA SOLUÇÃO MAIS SIMPLES É O RAPEL. UM BUMBO TOCA E GUSTARRÃO ANUNCIA COM VOZ CARACTERÍSTICA DE PALHAÇO QUE PUXA OS “ERRES”.)

Gustarrão Não percam nesta noite a fantástica representação da pedra do homem!

Apresentador O homem de pedra!

Gustarrão É uma “estauta”?

Apresentador Não!

Gustarrão E tem pedra onde? No bolso? No sapato? No rim? Levou pedrada?

Apresentador Era canteiro. Anuncia o espetáculo!

Gustarrão Sensacional representação do homem que tirava pedras do canteiro! Era um jardineiro, nascido em fevereiro, mês sem fedor e sem cheiro, de esgoto ou de bueiro, sem colega nem parceiro, furunfeiro de maracunteiro!

Apresentador Que é isso?

Gustarrão Isso é funrunfisso de maracuntisso!

Apresentador Gustarrão!

Gustarrão Gustarrão furunfão de maracuntão!

(GUSTARRÃO FOGE PERSEGUIDO PELO APRESENTADOR. MÚSICA PRELUDIA A REPRESENTAÇÃO. ENTRA VELHO CANTEIRO COM SEUS INSTRUMENTOS DE TRABALHO.)

Canteiro 1 Gosto de vir aqui. Do alto deste penhasco vejo a cidade, lá embaixo, como um brinquedo. Aqui em cima, silva e sibila o vento e traz ecos, momentos de uma época em que fui jovem. Trabalhei nesta mesma pedra e parte deste granito fui eu que cortei. Venho aqui para imaginar escutar de novo o som bruto do martelo no cinzel, escarpelo, como a gente chamava, (BATE A MARRETA NO ES-

CARPELO) e ouvir vozes, gritos e risos, muitos risos de um tempo que já foi. E foi bom. (ATORES ABAIXO FAZEM VOZERIO, ORDENS E RISOS E BATEM FERRO E OUTROS SONS DE TRABALHO.) Dizem que o mundo é cheio de mistérios. E de todos os mistérios do mundo um deles eu vivi, com certeza. (GUSTARRÃO DÁ DOIS TOQUES LENTOS NO BUMBO) Há muito anos, já era perto das seis da tarde, final do dia e das forças. Eu trabalhava esta pedra e me perguntei se foi nesta ou em alguma outra pedreira parecida que um canteiro despençou e morreu. O ano não me lembro mais. Só lembro que diziam que o coitado furava o veio da pedra, para depois socar a pólvora. A marreta desceu sobre o escarpelo que fendeu a rocha e uma lasca saltou e alcançou seu olho. A dor obrigou o grito, a perna perdeu firmeza e o corpo, desequilibrado, separou-se do rochedo e, sem sustentação, ganhou o ar. Foi o tempo de se dizer um “e” de espanto e o pobre quebrava-se morto nas pedras abaixo. (FAZ O SINAL DA CRUZ) Eu pensava nisso quando um homem chegou.

SEGUNDO MOVIMENTO

(O BUMBO TOCA TRÊS VEZES. UM SEGUNDO CANTEIRO DESCE PELA CORDA.)

Canteiro 2 ´tarde.!

Canteiro 1 ´tarde! Vai começar serviço? Mas é quase noite, homem!

Canteiro 2 Vou só deixar o trabalho preparado para amanhã. (BATE O MARTELO NO ESCARPELO) Você é novo aqui?

Canteiro 1 Estou com três meses.

Canteiro 2 Nesse serviço eu sou dos antigos. Então, olha e aprende. Está vendo esse resto de sol brilhando na pedra? Segue o rumo do brilho mais forte. Ali é o veio. Sei achar só de olhar. Corto, talho e venço como quiser uma maldita pedra desta. (AMARGO) Em compensação, ela me endure-

ce o braço, a mão e a alma.

- Canteiro 1 Como?
- Canteiro 2 Nada, não! Besteira minha! (BATE VÁRIAS VEZES COM O MARTELO NO ESCARPELO COM RAIVA. SÚBITAMENTE PÁRA E LEVA A MÃO AO OLHO E COÇA-O, INCOMODADO)
- Canteiro 1 Algum problema?
- Canteiro 2 Só um cisco. O senhor tem filhos?
- Canteiro 1 Não.
- Canteiro 2 Eu tenho... uma filha. O senhor já percebeu que a vida, às vezes, parece um sonho? Tudo passa tão rápido e tão doido que a gente mal consegue aproveitar! Os filhos são assim: crescem rápido demais!
- Canteiro 1 Minha mãe fala a mesma coisa. Diz que filho é bom enquanto não cresce. Eu dou risada.
- Canteiro 2 (IRRITADO) Pois não devia! Porque é verdade! (CONFUSO) Penso que é, não sei... Acho que já não tenho mais filha... Não sei mais nada. (CANTEIRO 2 PARECE TER UMA TONTURA. O OUTRO O AMPARA)
- Canteiro 1 O senhor está bem? Precisa de ajuda?
- Canteiro 2 Não, obrigado. É só uma tristeza... (CANTEIRO 2 COÇA O OLHO) De verdade, a menina foi minha filha até os dez anos. Filha de carregar no pescoço, na bicicleta, no colo, brincar. Depois, a vida ficou difícil e foi só trabalho, trabalho, trabalho. Chegar em casa cansado e duro de cortar pedra, a menina já dormindo, duas palavras com a mulher e sono até a madrugada. Assim foi por anos. Quando dei fé, a menina já era moça-mulher e a gente mal se falava. Era estranheza, era vergonha, não sei o que era. A vida passa como um sonho! (HOMEM COÇA O OLHO NOVAMENTE)

- Canteiro 1 O senhor já ouviu falar do canteiro que caiu da pedra? Foi desta pedra aqui? (CANTEIRO 2 O ENCARA POR MOMENTOS E DEPOIS EXPLODE IRRITADO)
- Canteiro 2 E acidente é conversa que se tenha durante o trabalho? Ninguém gosta de lembrar disso, nem eu! (ENRAIVECIDO, DÁ MARTELADAS NO ESCARPELO) Essa vida endurece a alma da gente! (ACALMA-SE) Não me lembro direito desse acontecido. E o senhor não devia ter me perguntado porque não gosto de falar dessas coisas. (IRRITADO, DESCE RAPIDAMENTE PELA CORDA E DESAPARECE)
- Canteiro 1 Foi esse o meu primeiro encontro com aquele estranho homem. (DESCE PELA CORDA) Pensei que nunca mais ia vê-lo, mas se a vida é sonho louco parece que tem alguma ordem na loucura. Tempos depois encontrei esse homem pela segunda e última vez. Mas isso eu conto depois. (CANTEIRO 2 SAI. BUMBO TOCA DIVERSAS VEZES DESRITMADAMENTE. GUSTARRÃO SURGE NO URDIMENTO.)

TERCEIRO MOVIMENTO

- GUSTARRÃO (FAZENDO UM ACENO PARA O PÚBLICO) Oi!!! Sou eu, Gustarrão, o atleta mais fenomenal, municipal, estadual, nacional e mundial vai descer por esta corda com a graça de uma bailarina, mas com macheza comprovada e isenta de dúvidas! (GUSTARRÃO TENTA DESCER PELA CORDA. NÃO CONSEGUE ESTABILIDADE E DESCE ATRAVERSADO OU DE CABEÇA PRÁ BAIXO) Ai! Quem não pode corre, quem não corre me socorre! Ái, meu Deus, que o chão é duro e minha carne é mole! A culpa é do Lau. Gustarrão é pau pra toda obra, Gustarrão faz, ele disse. E aqui estou eu.
- Marília Cadê a macheza?
- Gustarrão Ta indo pros intestinos!

Ungária	Você não é homem, não?
Gustarrão	Sou um abapuera, um porqueira a toa, um tralha, um tras-te, um tibes, o que a senhora quiser, mas me traz uma escada! Chama o Lau. (CHORA) Estou aqui por culpa dele! (PARA O PÚBLICO) E por culpa de vocês! Faz uma graça pro povo, ele disse. E a besta do palhaço aqui foi fazer! Daqui a pouco vão querer que eu faça exame de toque pro povo rir! (ATRAPALHA-SE MAIS NA CORDA) Me embolei mais! Eu quero descer! Agora é sério! Me a-code quem pode, quem não pode cheira um bode! Me tirem daqui! (MARÍLIA TRAZ UM COPO D'ÁGUA E O COLOCA ABAIXO DE GUSTARRÃO.)
Gustarrão	Tem pouca água, sua burra! Vou bater a cabeça no fundo! (MARILIA LEVA O COPO PRA FORA) E não pode ser copo de vidro! Pode machucar!
Íris	Tem coragem, Gustarrão!
Gustarrão	Coragem eu tenho, só não sei onde deixei! E esse medo tá me dando um frio, tá batendo na porta dos intestinos.
Ungária	Seja sólido, duro como um canteiro, Gustarrão!
Gustarrão	Essa coisa de pedra, de canteiro, não é pra mim, dona Ungária. Eu sou mais da argila, do barro. E por falar em barro ou eu saio daqui ou é ele quem sai!
Ungária	Não faz isso! Não me faça essa vergonha, homem! Sustenta! Você não falou que descia?
Gustarrão	Falei! Tenho caráter! Quem não tem são os meus intestinos! Estão me traindo! Ai, que as tripas estão se embo-lando! Ai, que as tripas grossas estão comendo as finas!
Marília	Segura, Gustarrão!
Gustarrão	Tô segurando, tô arrochando a saída, tô triscando, tô travando o terminal, gente, mas é mais forte que eu!
Ungária	Não vai me estragar a representação, Gustarrão!

Gustarrão	Quero lá saber de representação nenhuma, dona Ungária! Eu quero é estar no chão!
Ungária	(AO PÚBLICO) Uma breve pausa e logo retorna a nossa emocionante história... O Homem de Pedra!
Gustarrão	Ai! Vamos logo, senão vai a emocionante história O Homem do Barro! (CONSEGUE LIBERAR A CORDA E COMEÇA A DESCER) tô me liberando!
Ungária	Das cordas?
Gustarrão	Das cordas e de outras coisas também!
Ungária	Respeitável público! Nossa representação logo terá prosseguimento!
Gustarrão	(DESCENDO) Respeitável público! Cuidado aí embaixo porque não sei o que chega primeiro. Se sou eu ou se é o conteúdo meu! (CHEGA AO CHÃO) Abre! Abre alas que eu quero passar. Quem me segurar é por própria conta e risco!
Ungária	Espera aí, Gustarrão!
Gustarrão	Espero, não! Primeiro que não posso. Depois, que o que eu vou fazer não é coisa que se faça em público! Eu quero solidão pra pensar na vida, dona Ungária! Pra raciocinar, pra fazer um esforço, pra gemer e sair do barro em que eu estou me metendo! (CORRE E SÚBITO, PÁRA.) Sustenta, Gustarrão! Segura, peão! (DÁ ALGUNS PASSOS CURTOS E TENSOS.) Oh, tragédia do viver! Nadar, nadar e na praia morrer! (RELAXA E ANDA NORMALMENTE) Agora, já nem ligo! (SAI)

QUARTO MOVIMENTO

(BUMBO DA TRÊS TOQUES LENTOS. CANTEIRO 1 COMEÇA A DESCER NOVAMENTE PELA CORDA)

Canteiro	Aquele estranho homem eu encontrei algum tempo depois. Ao contrário do primeiro encontro, desta vez tive um
----------	---

pouco de medo. (CANTEIRO 2 COMEÇA A DESCER.) O ar da tarde estava parado e o silêncio trazia o pressentimento de que alguma coisa estava para acontecer. Como da outra vez aquele homem parecia atormentado. (CANTEIRO 2 COMEÇA A MALHAR COM FORÇA O MARTELO SOBRE O ESCARPELO)

- Canteiro 1 (ESTRANHANDO) O que está fazendo?
- Canteiro 2 (COMO SE SÓ AGORA TIVESSE VISTO O CANTEIRO 1) Não estou me sentindo bem.
- Canteiro 1 (PREOCUPADO) Então não devia estar aqui!
- Canteiro 2 Às vezes, o mundo me parece uma coisa estranha... (MALHA A O ESCARPELO) Trabalho! Trabalho! Só trabalho! Você tem filhos?
- Canteiro 1 Não, já lhe disse da outra vez.
- Canteiro 2 (SEM ENTENDER) Da outra vez? Já nos vimos antes? (PAUSA) Tenho uma filha, sabe? Mas é como se não tivesse! Sempre me tive na conta de homem bom! Bom pai, bom marido, bom amigo dos meus amigos. Em casa o que tem é pouco, mas esse pouco nunca faltou! Dessas pedreiras tiro o alimento, a roupa, a vida da minha família. Em troca, deixo aqui um pouco da minha vida.
- Canteiro 1 O que o senhor está dizendo? Não entendo.
- Canteiro 2 Ontem à noite bati na minha filha! Bati como um bruto, bati com a mesma força que bato nessa pedra. Quando cheguei do trabalho carregando meu cansaço de todo dia, minha mulher soprou num fio de voz medrosa: a menina tá de barriga. Esperei um segundo para entender e no segundo seguinte desci meu braço sobre o rosto assustado da menina. E depois sobre todo o corpo dela enquanto minha mulher gritava, rezava e chamava por ajuda. Bati com a mesma perícia com que corto um bloco, talho uma guia. Bati na carne delicada dela da mesma forma como lasco granito!. Machuquei, feri como um cego furioso até

que cruzei meu olhar com o dela e percebi naquela mulher, assustada, já feita, os mesmos olhos da menina que eu carregava nos ombros. Depois não sei. Quando dei por mim, estava andando nas ruas vazias da cidade. Já era noite alta e eu cheirava a muita bebida barata.

Canteiro 1 O que se diz numa hora dessas? Que conselhos se dá a quem traz uma dor funda que entendemos, mas não sentimos? Eu não soube o que dizer àquele homem.

Canteiro 2 O senhor está quieto, calado... Não precisa dizer nada, não. Sabe, não bati nela porque engravidou, deu mal passo, desonrou o nome, nenhuma dessas coisas.. Bati porque sou bruto, me fiz bruto um pouco por dia! Bati porque fiquei com raiva da surpresa! Bati não sei porquê! (MARTELA O ESPARPELO) Embrutecei cortando pedra, no trabalho duro, distante dos filhos que mal vi crescer, que desaprendi de conversar, desaprendi de olhar nos olhos! Maldita pedra que dia a dia tomou as poucas e melhores horas que eu tinha! (MARTELA O ESCARPELO) Depois de ontem, acho que perdi minha filha pra sempre. (MARTELA O ESCARPELO) Nem devia ter vindo trabalhar hoje. Nem consigo ver o veio da pedra direito. (COÇA O OLHO INSISTENTEMENTE)

Canteiro 1 O senhor trabalha mesmo aqui?

Canteiro 2 Trabalhar? O que o senhor está dizendo?

Canteiro 1 (PARA O PÚBLICO) Aquele homem estranho ora parecia louco, ora parecia esquecido de si e do mundo.

Canteiro 2 Daqui a pouco minha filha vem me trazer marmita. Ou vem trazer flores? Ela, desde menina, gostava de flores. (RI) Sempre que me lembro dela é de vestidinho azul claro com sianinha vermelha, correndo por esses matos.

Canteiro 1 Ela vem? Então, fala com ela!

Canteiro 2 O que é que vou falar se nem olhar pra ela eu vou ter coragem? E ela vai me ouvir? Perícia eu tenho é no trato da

pedra. Queria saber trabalhar as palavras como trabalho a pedra. Queria. Coragem eu tive pra tudo na vida. Queria que a coragem me socorresse quando minha filha chegasse.

Canteiro 1 Coragem não vai lhe faltar eu sei! (BUMBO TOCA UMA VEZ. UMA MOÇA SE APROXIMA. CARREGA UM MAÇO DE FLORES)

Canteiro 2 (Para si mesmo) É ela que vem lá! Canteiro bruto que aprendeu a talhar a pedra, talha agora o mais difícil: o coração! (COÇA INSISTENTEMENTE O OLHO E GEME. A FILHA DEPOSITA O MAÇO DE FLORES NO CHÃO)

Filha Pai!

Canteiro 2 Não diz nada, filha. Ouve enquanto eu tenho coragem de lhe falar...

Filha Trouxe essas flores...

Canteiro 2 O amor... que eu tinha por você nos seus dez anos...Oh, filha... continua, sepultado por todos os anos de trabalho, debaixo da lida bruta, mas continua vivo...

Filha Pra lembrar sua morte. (PAUSA. APÓS ESPANTO, CANTEIRO 2 LEVA A MÃO AO OLHO)

Canteiro 2 Meu olho!

Filha E lembro sua morte pra não esquecer sua vida.

Canteiro 2 (OLHA ASSUSTADO PARA CANTEIRO 1. BUMBO DÁ TRÊS TOQUES LENTOS. CANTEIRO 2, NUMA CONSTATAÇÃO, PARA O OUTRO) Meu Deus, estou morto! Morri sem falar novamente com minha filha. A última lembrança que ela tem de mim é de um bruto. Minha última lembrança é de seus olhos assustados de menina. (CHORA EM SILÊNCIO)

Canteiro 1 (PARA O PÚBLICO) O homem gemeu como se tivesse sido ferido fundo. Gemi mais de dor do que de medo.

Canteiro 2 Ai, agora lembro! Eu furava a pedra, no veio, para depois socar a pólvora. (VAI DESCENDO DO PAREDÃO ENQUANTO NARRA) A marreta desceu sobre o escarpelo que fendeu a rocha e uma lasca saltou e alcançou meu olho. A dor obrigou o grito, a perna perdeu firmeza e o corpo, desequilibrado, separou-se do rochedo e, sem sustentação, ganhou o ar.

Canteiro 1 Caiu como um corpo vivo cai.

Canteiro 2 Caí para o abraço da terra, das pedras, da morte. (CHEGA AO CHÃO E PERMANECE INERTE, DE PÉ, COM A CABEÇA PENDIDA. BUMBO DÁ UM TOQUE SEGUIDO DE TRÊS TOQUE LENTOS)

QUINTO MOVIMENTO

Filha (SEM OLHAR DIRETAMENTE PARA O PAI) Lembro sua morte para não esquecer sua vida, pai! Um dia antes de sua morte, quando o senhor me batia, cruzamos olhar. Vi seus olhos de espanto e, no fundo deles, vi meu velho bom pai. O senhor correu para a rua e eu e a mãe procuramos o senhor, na noite, por toda cidade. Só vi o senhor novamente quando entrava em casa, carregado por seus amigos, morto. Meu filho, agora, tem um ano e tem seu nome. Nunca vou esquecer o olhar que cruzamos, pai. Aquele olhar disse tudo o que o trabalho, o cansaço e sua morte nos impediram de falar.

Pai Filha!

Filha (PENSA TER OUVIDO ALGO) Pai? É o senhor, pai? Pai! (PAUSA. FILHA FICA A OLHAR EM VOLTA, ESTRANHANDO. DEPOIS POUSA JUNTO DO PAI O MAÇO DE FLORES, SEM O VER, E SE AFASTA)

Canteiro 1 O mundo é cheio de mistérios e não sei se esse caso se deu nesta pedreira ou em outra qualquer desse lugar. Dizem que até hoje a filha sobe, com um maço de flores, ao pé do paredão de pedra e lá, cruza com o pai olhares que

não se vêem. E conversam sem palavras sobre tudo aquilo que não foi dito. (BUMBO DÁ UM TOQUE)

Cena 4 – A comunidade: o território vivo das lembranças

(A REPRESENTAÇÃO TERMINA E OS QUATRO PERSONAGENS PRINCIPAIS CURVAM-SE FELIZES FRENTE AOS OUTROS QUATRO. OS QUE ASSISTIRAM APLAUDEM. LUÍS APLAUDE DEVAGAR E IRÔNICAMENTE. BRANCA, EMOCIONADA, ABRAÇA ÍRIS. INSTALA-SE UMA PAUSA EMOCIONADA. LUÍS COBRE O ROSTO COM A MÃO E CURVA A CABEÇA. O GESTO DELE ENTERNECE MARÍLIA QUE COLOCA AS MÃOS EM SEUS OMBROS.)

Marília Obrigado por nos lembrar essa história. Olhem! Até ele se emocionou!

Lau Sai de perto desse sujeito, Marília!

Marília Por que? Ele está tão emocionado quanto nós! (LUÍS QUE SE SACUDIA NO QUE PARECIA UM CHORO, DESATA EM GARGALHADA.)

Lau Chega, Luis!

Luís Então, você lembra meu nome?

Lau Acabei de lembrar. Toda noite acontece a mesma coisa. Você ri como detestável vilão de drama de circo que você, de fato, é!

Luís Que é que posso fazer? Não sei porque, mas fomos condenados a isso: todos os dias relembrar e esquecer sempre as mesmas coisas. (MARÍLIA SE MOVE LENTAMENTE EM DIREÇÃO A LAU) Marília, por exemplo, vai andar lentamente em sua direção e lhe beijar o rosto. (MARÍLIA BEIJA)

Marília (SURPRESA) Por que lhe beijei?

Luís E vocês dois, perdidos em perplexidade, tentarão se lem-

brar, mas nunca saberão porque. E dentro de algumas horas tudo será esquecido. E amanhã, a essas mesmas horas, estaremos aqui de novo e estarei acabando de falar essas mesmas palavras. Se ao menos alguma lembrança durasse! Quem pode me criticar por zombar desse esforço inútil que vocês fazem para lembrar?

Lau Você tem razão. Ninguém pode lhe criticar, mas (IRRITANDO-SE) ninguém pode também impedir o nosso desprezo por sua atitude nem criticar o fato de eu gritar: “cala a boca!” (OS DOIS HOMENS SE ENCARAM E, APÓS UM MOMENTO TENSO, LUÍS LANÇA UM SORRISO IRÔNICO E SE AFASTA. LAU FAZ UM GESTO NA DIREÇÃO DE MARÍLIA, MAS ESTA SE AFASTA.)

Ungária (COM AUTORIDADE, AOS OUTROS) Lembrar é uma benção e pouco importa se tudo vai ser esquecido porque amanhã vamos viver novamente a alegria de lembrar!

Luís E esquecer!

Ungária (COM CONVICÇÃO, PARA LUÍS) E lembrar! (PARA OS OUTROS) Como lembro agora. Este circo é meu. E lembro o escuro da noite e um vendaval. Chuva, vento, a lona cortada em farrapos pela fúria da tempestade, barracas viradas, mastro partido e medo, muito medo! Pela manhã, o que era circo, o que tinha sido espetáculo era só um amontoado colorido e confuso de tábuas, tecidos e lama. E no meio do arraso um homem pequeno, que não sei quem é, sentado. Chora. Eu também choro. Ele diz:chega! Eu digo:chega! É o fim! E chorando e dizendo chega começo a recolher os trapos, as tábuas, as cordas. E eu falo pra ele: É a última vez! Ele chora e eu grito: Levanta a bunda, Severo, e chora trabalhando! Com ajuda do povo do lugar reerguemos o circo. E fizemos o espetáculo só mais uma vez. E só mais outra. E só mais outra... E, por anos, sonhamos em desistir do circo pela manhã para abraçá-lo e amá-lo à noite durante o espetáculo. (AOS OUTROS) Sou viúva e Severo era meu marido.

Íris E porque ele não está aqui?

Lau Não sei. Talvez pela mesma razão oculta que só estamos nós aqui, entre tantos circenses mortos que existem no mundo.

Gustarrão É verdade. E, com o devido respeito, dona Ungária, acho melhor deixar quieto. Vai que ele era um traste...É melhor não chamar encosto!

Ungária Alguns de vocês devem se recordar de Severo. Lembra, Gustarrão? (OS CIRCENSES, COM EXCEÇÃO DE LUÍS SE ACERCAM DE UNGÁRIA)

Gustarrão Lembro um grãozinho, um fiapo, um nadinha...

Ungária Ele lhe ensinou a profissão.

Gustarrão (APONTA A CABEÇA) Tá entrando aqui... mais um fiapo de lembrança. Devagarinho eu chego lá!

Lau (RI) Lembro de pescoção, cascudões, que ele lhe dava quando você errava os números.

Gustarrão (GRITA COMO CRIANÇA) Não falei! Quero lembrar, não! Quero lembrar, não! (RIEM)

Ungária Não tínhamos cidade, nem vizinhos, nem um chão nosso onde a gente pudesse erguer uma casa com varanda. E sentar todas as tardes e desfrutar sempre da mesma paisagem. Não! Nosso lugar no mundo era a lona, as paisagens eram sempre outras, melhores ou piores, mas sempre novas. Sempre novos eram os amigos, sempre novo era o dia seguinte.

Íris Lembro de uma mulher que me abraçava e dizia: você é tão linda! Você é tão linda!, depois do último espetáculo da temporada. No dia seguinte, quando partimos, ela chorava como criança. Um ano depois ela me abraçava e ria: vocês voltaram! Vocês voltaram! Lembra, dona Ungária? (UNGÁRIA ASSENTE) Assistiu todas as sessões da temporada. Ficamos com dó de cobrar ingresso dela! (RI. UM

DOS CIRCENSES TOCA UMA SANFONA)

- Mauro Tínhamos uma bandinha e parecia que o céu descia quando ela abria o espetáculo. O público rolava de rir das bobagens que Gustarrão fazia.
- Gustarrão (RI) Por que é que não consigo me lembrar de nada disso?
- Mauro Nós, público, tudo era riso, atenção e coração!
- Ungária Eram tantos amigos em tantas cidades! Amizade renovada a cada temporada. As pessoas amavam o circo e nos amavam por pertencermos a ele.
- Marília Não consigo lembrar o rosto, mas lembro que estava em cena. Não sei que papel eu fazia no drama, mas do tablado onde eu estava, podia perceber aquele homem, cujo rosto não lembro, me olhar com intensidade. Todos os dias, no mesmo lugar, o mesmo olhar intenso.
- Ungária Lembra a cidade? (MARÍLIA MENEIA A CABEÇA NEGATIVAMENTE) O drama?
- Mauro Alguma cena, algum detalhe... talvez a gente possa lhe ajudar a lembrar. (MARÍLIA MENEIA A CABEÇA, MAS NÃO O FAZ OM TRISTEZA. ESTÁ PRESA A ALEGRIA DAS LEMBRANÇAS QUE OBTEM.)
- Marília Só sei que o olhar intenso se transformou em desejo e amor. Quando, no final da temporada, o circo ia partir eu lhe pedi para vir comigo, ele me pediu para ficar com ele. Eu segui com o circo. (BRANCA SE DESTACA DO GRUPO E CHAMA LAU. ESTE VAI ATÉ ELA. BRANCA LHE FALA EM VOZ BAIXA, MAS COM GESTOS E INTENSIDADE.) A distância me ensinou a paixão e prometi a mim mesma ficar com aquele homem quando voltasse àquela cidade. Mesmo deixando o circo. Um ano depois voltei com o coração que não cabia no peito. Ávida, com o desejo nos olhos eu o procurei em cada sessão da temporada. Nunca mais o vi, nem soube o que foi feito dele.

Não lembro de seu rosto, mas sinto um amor intenso.
(LAU SE AFASTA DE BRANCA QUE É TODA ENFORIA.)

Lau Atenção! Branca quer nos contar suas lembranças.

Branca Não! Assim, não! Anuncia! (LAU NÃO ENTENDE) Como um drama de circo. A todos. (FAZ UM GESTO LARGO QUE ABARCA OS CIRCENSES E A PLATÉIA. LAU RI.)

Lau Respeitável público! (OLHA PARA BRANCA. ESTA, FELIZ, APROVA COM REPETIDOS GESTOS DE CABEÇA.)

Cena 5

Uma história de paixão e amor com final feliz

Lau (GRANDILOQUENTE) Respeitável público! O nosso elenco de circo-teatro tem o imenso prazer de apresentar a mais surpreendente história que seus olhos já viram! Uma história feita de fatos reais, onde a vida ganha contornos de arte! A história real de Branca! (CIRCENSES APLAUDEM. BRANCA AGRADECE TÍMIDA E COM ESSA TIMIDEZ E EMBARAÇO SE DIRIGE AO PÚBLICO)

Branca Desculpem se eu não tenho muito jeito... é que... na verdade, eu não sou de circo. Quer dizer, sou, fui durante cinco anos, mas não nasci no circo como esses meus amigos. Então... não tenho muita experiência... e... talvez eu não lembre partes da história...então, desculpem se acontecer alguma falha. Íris, você lembra como representou, ontem, a filha? (ÍRIS ASSENTE CONTENTE) Então fica ali. (INDICA) Lau? (LAU ASSENTE) Você já sabe. É o marido. (LAU SE COLOCA EM POSIÇÃO)

Gustarrão E eu sou o filho!

Branca Só se eu fosse doida, chué do miolo, com as idéias desparafusadas! Pra você arreliar minha história? Não, senhor!

Gustarrão	Eu lembro direitinho as falas!
Branca	Não, você é um palhaço. E o filho não tem nem seu jeito nem sua cara. (CHAMA) Mauro!
Gustarrão	(OS TRÊS SE COLOCAM DE COSTAS PARA O PÚBLICO E PARA BRANCA. GUSTARRÃO RESMUNGA INCONFORMADO.) Todo dia é a mesma coisa! Ninguém me dá chance! (COMPÕE CARA DE CHORO E CHORA ESGUICHANDO ÁGUA NO PÚBLICO. TOMA UM FÔLEGU ENORME PARA CHORAR E PEIDA TALCO. É EXPULSO POR BRANCA.)
Branca	Fora já!
Gustarrão	Desculpe, é que eu tenho de fazer isso todo dia!
Branca	Eu também tenho de fazer isso todo dia! (DÁ-LHE UM TABEFE. GUSTARRÃO RODOPIA.)
Gustarrão	Hoje você bateu com mais força. (BRANCA RI E O JOGA EM DIREÇÃO À COXIA. OUVES-SE BARULHO DE LATAS E COISAS CAINDO. BRANCA VOLTA AO CENTRO DO PALCO. GUSTARRÃO, FORA DE CENA, GEME. BRANCA ESTRANHA.) Ai! Tive de gemer atrasado igual ontem!
Branca	(RETOMA A CENA. AO PÚBLICO) O filho, a filha, o marido. Amo intensamente os três. Sou a mulher daquele homem e a mãe dos outros dois. Assim eles me receberam, depois de cinco anos de ausência: sem uma palavra, sem um abraço, sem nem olhar pra mim. Não lhes tiro a razão. Digo a vocês que vivia com eles numa roça distante, lugar de mesmice, onde nada acontecia, nem notícia chegava. Gostava do lugar, gostava deste homem e dos filhos.
Marido	(VIRA-SE DE FRENTE PARA O PÚBLICO) Sou homem sistemático, de vida caseira, equilibrada e de trabalho. Minha vida é chão, não sonho vôos.
Branca	Tirando rusga própria de gente e raivas pequenas e escassas nunca tive queixa dele. Gostava dele no sério, no

diário. Homem de valor. Faz cinco anos que fui, saí daqui numa madrugada de lua. Hoje volto.

Marido Um dia, há cinco anos atrás, resolvo mudar meu sistema: inventei fazer coisa diferente. Deixei as crianças na co-madre e convidei a mulher. Fomos à cidade. Maldiçãoada idéia que mudou nossa vida!

Branca Era noite quando chegamos e, de longe, vi a lona armada, iluminada de tantas luzes! Entramos e (COMO SE VISSE O ESPETÁCULO) fiquei muda e surda quando começou o espetáculo. Ri de engasgar no palhaço, chorei de perder fala no drama, voei vertigem com o trapezista. Um mundo outro brilhava, de luzes infinitas, naquela noite, dentro daquela lona. Coisa que nunca vi, nem imaginei. O céu, se eu conhecesse, seria um mundo assim. Histórias tão belas que não pareciam dessa vida. No meio do riso ou da emoção, não sei, senti alguma coisa se romper aqui dentro. (APERTA O PEITO) E me afoguei de alegria.

Marido Voltamos da cidade. Branca estava quieta, perdida, num lugar que não tinha caminho por onde eu pudesse entrar. E até hoje não entrei. E, agora, ela volta de cinco anos depois.

Branca Acordei um dia em ânsias, em saudades fundas. Não pensei. Avisei que vinha e vim. Estou aqui. (FILHO VOLTA-SE PARA O PÚBLICO E DEPÕE.)

Filho Ontem, o pai, que sempre falou pouco, e passou a falar menos quando ela foi embora, disse: amanhã ela chega. E não disse mais nada. (COM RAIVA) Passei esses cinco anos tentando entender, amaldiçoando, no esforço de odiar ou de esquecer aquela que foi minha mãe. Queria mesmo era pousar o coração numa dessas tardes quentes, quietas de outono sem lembrança de mágoa. Consigo? Não consigo! (IRRITADO) Pra que fiz todo esse esforço se ela vem?

Filha Eu chorei quando soube que ela vinha e quero chorar a-

gora que ela chegou. Por isso não olho pra ela.

- Marido Sustentei meu olhar nela quando ela entrou nesta casa e ainda sustento. Meu olhar é frio, eu estou frio e, Deus ou o diabo me ajude, que nem meu olhar nem minha voz traíam as fogueiras que foram ateadas dentro de mim nesses cinco anos. A notícia que ela vinha avivou cada uma delas e as labaredas cresceram quando ela entrou. Mas meu olhar tem de ser frio, tenho de ser frio.
- Filha Levantei um nada do olhar e vi que essa que entrou é a mesma de quando saiu. Nela , nada mudou. Em mim nada mudou. Um som rouco me subiu à garganta e os olhos quiseram se encher. Baixei o olhar, mas foi a custo.
- Branca Olhei e desbordou a vontade de abraçar os três e chorar muito, muito, com a dor da alegria! Porém, entre eles e meu abraço havia uma distância de cinco anos e, então, disse “não!” a meus braços.
- Filho Meu medo era o pai. Homem muito quieto, a gente nunca sabe o que vai fazer no momento seguinte.
- Marido Veio reabrir a ferida?
- Branca Se ferida há, vim fechar.
- Marido Arre!, que vontade minha foi chamar nome, nome feio e baixo, deixar voz sair, deixar braço livre pra violência, deixar corpo e raiva sem freio. Mas ainda não era hora e eu pedi que tal hora não chegasse. Eu gostava dela, ainda gostava. Saber disso me deu raiva. Vai embora!, quis dizer, mas a voz não me saiu.
- Branca Esperei que alguma coisa acontecesse, mas ninguém falou, nem se moveu, nem o vento soprou. O mundo naquele momento era só silêncio e aflição.
- Filha O sol da tarde entrava pela janela e pintava a sombra da sala de um amarelo bonito. É disso que me lembro. E do silêncio.

Marido	Continua bonita, pensei. Se ela disser que veio pra ficar vou me abrir em risos, pensei. E me endureci com raiva desse pensamento. E quis que ela não tivesse vindo! E quis que ela nunca tivesse partido. Então, ela me olhou nos olhos e já não soube mais dizer o que queria.
Branca	Os olhos eram os mesmos, o rosto era o mesmo. Cinco anos atrás olhei o rosto dele pela última vez. Quando voltamos do circo eu, deitada, sem sono, de olhos abertos, lutava pra acalmar meu coração. Não consegui, levantei e fui. Olhei o rosto dele e fui. Era madrugada de lua, o capim do caminho se cobria de orvalho e gelava meus pés apressados em chegar. Cheguei na cidade. O coração saltava sem rumo e o circo desmontado - lonas dobradas, ferros empilhados, mastros - parecia pra mim, uma semente, um ventre, um ser vivo antes de nascer. Eu olhava aquele mistério quando o trapezista me viu, olhou, sorriu, gostou de mim, me convidou. Fui. Sem pensar, sem porquê, fui com o circo.
Filho	(RÍSPIDO) Por que veio?
Branca	Vim porque saudade me chamou desde o primeiro dia que saí. Vim porque era feliz aqui. Tanto quanto fui feliz nesses cinco anos de circo, de outra forma. A paisagem nunca era a mesma, a cidade nunca era a mesma, as pessoas nunca eram as mesmas. Amei essas mudanças que nunca tinha conhecido. Amava o espetáculo, a vertigem, e amava estar dentro dela. Acordei um dia em ânsias, em saudades fundas. Olhei o circo que me abrigara em sonho por cinco anos e não pensei, vim. Deixei o circo e sua gente, sem aviso, da mesma forma que deixei esta casa, há cinco anos! Tudo o que relatei a vocês, agora, eu não disse a eles quando voltei, só pensei dizer. Na hora, na presença deles, me faltou voz pra responder a meu filho. (OLHA O FILHO) Como ele estava bonito! Parecido com o pai quando o conheci e comecei a amar. Olhei um, olhei outro, comparei e sorri: puro amor.
Marido	Que sorriso é esse? É o cinismo que aprendeu por esse

mundo

Que mais aprendeu nesses cinco anos de vadiagem? O peso de quantos homens o seu corpo recebeu? E pensando isso e sentindo isso procurei, com o olhar, arma, faca, coisa qualquer que pudesse ferir.

Filho Antes de a mãe chegar, recolhi foice, facão, machado, até faca de cozinha, até quicé de picar fumo e escondi longe. Tinha medo por meu pai.

Filha Não agüentei o silêncio, não agüentei esperar, não quis mais lutar. Quando dei por mim chorava, quando me vi já abraçava, quando percebi já apertava o corpo bom dela e recordava o cheiro que era o mesmo de cinco anos atrás. (CORRE E ABRAÇA BRANCA)

Marido Aí foi tudo num mesmo segundo. Deu raiva da traição da filha e vontade forte foi de destroçar de vez o que aquela mulher tinha começado a desfazer cinco anos atrás! Ai, que tem certas horas que um homem cega! Que, o que ele é por dentro, desaba! Que direito tinha ela de vir, agora, dividir a família que não era mais dela? Ali, naquela hora, eu não era mais eu! Não tinha mais mando de mim! E o fim dela, Deus me perdoe, já estava decretado. Mais um segundo e vai estar cumprido!

Filho Vontade de fazer o mesmo que a minha irmã, mas não devia! Que direito tinha a mãe de voltar e confundir a gente com a sua presença? E reavivar na gente um amor que estava quase enterrado? E querer desvirar e destransformar a minha mágoa em sentimento são, de filho? E não devo lealdade a meu pai? Devo! Renego a boa fraqueza de minha irmã! O que meu pai fizer eu acato, sigo e confirmo. (À MÃE, COM RAIVA) Mãe eu já tive! Não sei se tenho mais! (VOLTA ACINTOSAMENTE AS COSTAS À MÃE)

Marido (AO PÚBLICO) Olhem como é a vida, como é o ser! O desrespeito do menino me socorreu e minha raiva mudou

de rumo. (FURIOSO, GRITA PARA O FILHO) Então o mundo agora é assim? Filho se volta contra quem gerou? Eu lhe ensinei essas regras, moleque?! (FURIOSO, FAZ O FILHO ENCARAR A MÃE E O LEVA ATÉ BRANCA) Isso é modo de tratar sua mãe? Pede benção como fez sua irmã!

Branca Se ele não quiser... Precisa gritar com o menino, não!

Marido (FURIOSO ALÉM DA MEDIDA) Precisa! Você ainda é mãe! A casa ainda é sua e aqui se respeitam os pais! (PARA O PÚBLICO) E avancei, todo fúria, rompi o espaço da sala, cruzei a porta e me lancei no mundo. Vontade era de encontrar bicho, animal inocente e sacrificar, trucidar mesmo, raiva pura! Encontrei nenhum. E, então, corri, andei, anoiteceu e era noite alta e eu ainda andava. Voltei. De longe, debaixo da luz do lampião, vi os três que me esperavam. O ar em volta deles era de paz, talvez até de alegria fosse. Não tenho vergonha de dizer: chorei pra gastar o resto das minhas raivas. Sozinho, chorei agradecido por não ter levantado a mão contra aquela que amei, amava, amo. Fiquei dias sem coragem de voltar e quando voltei não falei nada.

Branca Voltei. Não tem porque, deixa isso sem resposta, respondi um dia, muito tempo depois, quando ele me perguntou. Estou aqui, quero estar aqui.

Marido Os dias foram secando o fel, abrindo gesto, pedindo conversa e esquecimento. Casa entrou em rotina boa. Um dia olhei defronte, nos olhos de Branca, no fundo, e vi que não tinha sombra nem mancha nos olhos dela.

Branca Não tinha mancha nem sombra nos olhos dele.

Marido Vi então que esse sentimento de amor não é coisa razoável, de regra. É sopro de vento que muda de força e direção com sabedoria que não é nossa, é dele, do sentimento. Então, busquei coragem e emendei a noite que ela se foi com o dia que ela chegou. E apaguei da vida os cinco

anos em que ela se ausentou.

Branca E eu pensei: posso morrer porque tive toda a vida e mais cinco anos. E quis mais ainda viver. (ABRAÇAM-SE)

Cena 6

Não, a cena anterior não tem final feliz

Branca Assim foi minha vida. (OS CIRCENSES TODOS APLAUDEM, INCLUSIVE LUÍS QUE CONTINUA APLAUDINDO QUANDO CESSAM OS APLAUSOS DOS OUTROS.)

Mauro Pára com isso, Luís!

Íris Quem você pensa que é?

Lau Quem você é?

Ungária De circo você não é com certeza!

Luís E porque? Não existe gente de circo como eu? São todos alegres, bons, felizes como até agora tem sido mostrado e lembrado?

Ungária Não, nem tudo é alegria no circo. Nós apenas recordamos, já que nosso tempo é escasso, nossas melhores lembranças. Aquelas que deram sustentação à nossa vida quando tínhamos uma. Sei que você não é de circo porque seu olho é sempre o mesmo. (LUÍS RI) Se você ri, se você grita, se você chora, seu olho é o mesmo, não muda.

Luís Nada muda, dona Ungária. Estamos mortos, lembra?

Marília Nossos olhos mudam. Às vezes brilham.

Luís O principal não muda: repetimos tudo, todos os dias, nas mesmas horas!

Gustarrão O sujeito insiste em relembrar! Isso é pulga de cóis que não se acha, madeira ruim que quebra e racha, quebra-

cabeça que não encaixa, comida ruim que engasga e empacha! (RI)

Luis Já lembrou algo de sua vida?

(GUSTARRÃO FECHA O RISO)

Ungária Quem é você?

Luís Ainda não sei direito, mas até o fim da noite vou saber, com certeza. Talvez eu seja mesmo um vilão de drama de circo ou, então, já que estamos mortos, talvez isso aqui seja o inferno e eu seja o demônio encarregado de lhes atormentar. (OLHA PARA BRANCA E SORRI) Todo dia faço a mesma coisa: neste exato momento olho para Branca, abro um sorriso mau e digo: Você mentiu. A história que você contou é inventada, não é a sua, nunca existiu. (OS CIRCENSES OLHAM PARA ELA)

Branca É claro que é minha!

Ungária Branca é circense, com certeza. Tem o jeito, o olhar que muda...

Luís Branca nunca foi circense, embora quisesse.

Branca A história é minha!

Luís Bonita demais, perfeita demais, feliz demais para ser uma história de vida!

Branca Se suas lembranças de vida são amargas...

Luís Não são amargas nem doces. São só lembranças, como as suas... Quer que eu recorde as suas lembranças e as minhas?

Branca Você não merece o meu esforço em lhe odiar!

Ungária Mas... eu me lembro de você! Você não entrou para o meu circo? (BRANCA DESVIA O OLHAR) Não, não entrou. Mas eu convidei tantas vezes... Porque não veio, Branca?

Branca	Minha casa tinha varanda que dava para um terreno vazio onde todo ano seu circo vinha pousar. Eu esperava a chegada do circo como uma planta quase seca espera a chuva.
Ungária	Sua casa era branca com escada de cerâmica vermelha que dava para um terraço, duas colunas na entrada. Uma casa bonita.
Branca	Uma casa árida, habitada por um homem cinzento e uma mulher triste. A mulher triste se fingia de morta para continuar vivendo.
Ungária	Você não era triste!
Branca	Só era alegre quando vocês chegavam. Durante o mês de temporada eu era feliz e, quando partiam, eu sonhava em seguir o circo.
Marilía	Porque não veio, Branca?
Branca	É preciso ter coragem pra ser feliz, muita coragem! E, em casa, havia um homem cinzento que me lembrava sempre que eu era incapaz, que eu era frágil. Um homem metuculozo, incapaz de qualquer imprudência, ocupado em fazer todos os dias iguais! Um homem incapaz de uma carícia diferente. Um homem para quem a aventura era temeridade e a imaginação um desperdício!
Luís	Existem pessoas que encaram a vida de frente, com realismo. Pessoas que preferem viver a vida que têm a sonhar com vidas que não são suas!
Branca	Eu sei.
Luís	É melhor a segurança de uma casa e o respeito dos vizinhos do que viver como cigano, sem saber se come no dia seguinte!
Branca	Eu sei.
Luís	A vida passa rápido, Branca. É preciso pensar no futuro.

Branca	Eu sei, querido, eu sei. O que não sabia naquela época é que eu precisaria tanto de recordações melhores do que as que tive ao seu lado, Luís!
Luís	Não precisa, Branca, pois você não tem o que fazer com elas. Estamos mortos e não há nada que mude isso!
Branca	Pára de me lembrar isso! Pára de lembrar que estamos mortos! Pára de me lembrar que desperdicei uma vida inteira ao seu lado, acreditando em você, sem coragem, de arriscar, de jogar na aventura a vida que tive. Sem coragem de gastar a vida! (TRISTE) Economizei minha vida como um avaro economiza moedas!
Íris	Que interessa a vida que já não temos? A história que você inventou é melhor, mais bonita.
Branca	Mas não foi a minha e ele (OLHA PARA LUÍS) vai estar sempre aí para me lembrar disso. E se ele não lembrar eu vou saber! (PARA AS PESSOAS) Não é cruel demais os erros da vida continuarem se reproduzindo na morte? (LEVANTA-SE E SE AFASTA) Não quero lembrar mais nada. Quero esquecer tudo. Quero a memória branca. Que a manhã chegue logo, que tudo acabe e que na tarde do dia seguinte não acordemos mais de nosso sono! (LANÇA UM OLHAR DE ÓDIO PARA LUÍS E SE AFASTA PARA O FUNDO. FAZ UM TEMPO DE SILÊNCIO ONDE NINGUÉM SABE O QUE FAZER.)

Da dona Véia
E do seu Raimundo.
O seu Raimundo
Foi numa festa
Dançou, bebeu
Bebeu, comeu
Tinha chope e dança!
Garapa e doce!

(ÍRIS NÃO CONSEGUE CONTER O RISO)

O seu Raimundo
Foi tocar tuba
Mas, ói, que sina!
Mas, ói, que escracho!
Soprrou por cima
Soou por baixo!

(OUTROS MORTOS RIEM)

E, atenção,
Todas as almas
Vai ser Raimundo
Quem bater palmas!

(RIEM DE QUEM BATEU PALMAS)

Gustarrão (GRANDILOQUENTE E NUM ESFORÇO DESESPERADO DE MANTER O ASTRAL ALTO) E dando prosseguimento ao próximo acontecimento que vem na seqüência como continuação e consequência do evento que já foi, não sei mais o que dizer, alguém tem de me ajudar porque o espetáculo tem de continuar e eu não vou esmorecer por que não sou homem de me abater e se preciso vou ficar falando aqui feito besta de sábado à sexta até o amanhecer... (MARÍLIA NUM SALTO ASSUME O CENTRO DA CENA. GUSTARRÃO QUE JÁ ESTAVA PERDENDO O ÂNIMO SE ALEGRA)

Marília Vou declamar uma peça do cancionero popular!

Gustarrão (GRANDILOQUENTE) Muito bem! Muito bom! Manter
plantado o mastro, esticada a lona, acesas as luzes na
noite calma e a chama de nossas almas! (FAZ UMA RE-
VERÊNCIA AO MESMO TEMPO GRANDILOQUENTE E
EMOCIONADA) Obrigado, Marília! (SOA MÚSICA DE
FUNDO)

Marília Nas ruas dessa cidade
 Meu riso e felicidade
“Das veiz” ofende as pessoas.
Mas o que posso fazer
Senão relatar, descrever
O que lá dentro ressoa?

Meu coração é um sino
Que badala, é um menino
Que corre solto nas ruas
De terra da minha infância
Mas logo explico minha ânsia
Torno a minha história sua.

Tenho sessenta janeiros
E por quarent´anos inteiros
Estive sempre a procura
Do que havia perdido
Meu coração exaurido
Doente em busca de cura.

Lembro, tinha vinte anos
A vida repleta de planos
Eu era só coração
Então, perdi minha paz
Nos olhos d´um belo rapaz
Entreguei-me à paixão!

Mulher sozinha e pobre
E um amor sincero e nobre
Incendiou o meu peito.

A família dele contra
E com intriga sempre pronta
Tornou nosso amor desfeito.

Era amor doce e insano
Mas não tardou o desengano
Que sempre segue os amantes
Um dia veio o recado
“Entre nós, tudo acabado
Esqueça o amor de antes.”

Lendo aquele papel
Senti desabar o céu
Que construí cá na terra
Fui expulsa da cidade
Por gente de pura maldade
Tornei-me mulher que erra.

Andei, procurei notícia
Encontrei “nãos” e malícia
Dele não tive mais rasto
D’outros homens fui mulher
Jogue lama quem quiser
Meu coração sempre foi casto

Artista de circo, cigana,
Uma peregrina insana
Na busca de meu amante
A fim de entender a razão
Do fim de tanta paixão
Tornei-me mulher errante.

Quarenta anos busquei
O rosto daquele que amei
Nas multidões das cidades
Até que dez anos atrás
Encontrei o olhar do rapaz
Num homem de meia idade.

Reconheceu-me, chorou

A separação lamentou
Quarenta anos distante
Pedi-me perdão pelo erro
Contei-lhe do meu desterro
De minha mágoa constante.

Homem bem posto na vida
Mas tinha no peito ferida
Que nunca cicatrizou.
Ainda pensei em vingança
Mas ele contou da esperança
Que n'alma sempre guardou.

Se ainda não for muito tarde
Ao mundo vou fazer alarde
Vou gritar minha alegria
Sou homem feito, capaz,
Não sou o frágil rapaz
Que teve medo um dia.

Ainda quis dizer não
Mas busquei tanto a paixão
Deixei o coração aberto
E a paixão foi meu guia
Aceitei sua alegria
Sem discutir se era certo.

Há dez anos amo sem regra
Por amor dele sou cega
Ele é cego por meu amor
Não sei se é errado ou direito
Mas quero morrer desse jeito
Levando da vida o sabor.

(MARÍLIA SE CURVA, OS CIRCENSES APLAUDEM.)

Lau (EUFÓRICO) Depois desse poema, eu recordo, os refletores iluminavam o alto e Mário voava no ar com o trapézio.

Íris Eu voava segura pelas mãos dele.

Marília	Depois, eu caminhava pelo arame, lembro bem! O Gustarrão em baixo com uma cesta de pão para me amparar se eu caísse!
Íris	Quando Marília ameaçava cair, Gustarrão largava o cesto e corria com medo. O público ria.
Ungária	E o público perdia a voz no salto mortal.
Lau	Eu me lembro de toda a seqüência do espetáculo. Está tudo claro, número por número. Meu Deus! O número final, o público! Como aplaudia, gritava, sonhava com a gente. Éramos amados pelo bem que nossa arte fazia a aquela gente! (EMOCIONADO E FELIZ) Lembro de um velho que me abraça. Está apoiado pelos dois filhos e diz que tinha medo de morrer antes do circo voltar. Está quase morto e me abraça com o resto de vida que ainda tem.
Gustarrão	(GRITA FELIZ) Eh! Apesar do que diz certo homem de asa negra e língua ferina, que nossa sina é esquecer, está provado que lembrar é maior prazer. Que importa esquecer se vamos lembrar. Que importa perder se, com empenho, podemos lembrar. E amar as lembranças. Estamos mortos, mas temos a memória da vida.
Luís	E qual sua lembrança, palhaço? Qual a sua memória? O tempo já se esgota, logo amanhece e todos nós seremos lançados novamente no esquecimento.
Ungária	Cala a boca, por favor?
Luís	Que vida é essa que vocês lembram? Pedacos esparsos, fragmentos, imagens que pouco sentido fazem. A senhora é só uma dona de circo, dona Ungária, que sabe pouco mais que seu nome. Amanhã e por toda a eternidade repetirão apenas isso que lembraram até agora. Nada inteiro, nada completo.
Gustarrão	(ATINGIDO PELAS PALAVRAS DE LUÍS) Que palhaço sou eu? Que sou além dessa máscara que ri pela eternidade?

Luís	(SINCERO) Desculpa, palhaço, mas o homem de asa negra está certo. Temos pouco tempo antes de amanhecer. Muito pouco tempo para lembrar e, lembrando, tentar reviver qualquer história. Mesmo que seja de mentira, na imaginação.
Gustarrão	(DESESPERADO) Que espécie de homem-palhaço eu sou? Alguém sabe? Porque? De que este homem que sou eu e que é um palhaço, ri? (SUBITAMENTE PARA DE SE AGITAR E, VENCIDO, COMEÇA A LIMPAR A MAQUIAGEM.)
Ungária	Eu lembro de você com uma mulher...
Gustarrão	Deixe, dona Ungária. Não vale a pena. O asa negra está certo, não há mais tempo.
Márília	Há . Vale a pena buscar. Como a história da mulher que declamei.
Gustarrão	É só uma história, Marília. (SORRI NUMA AUTO IRONIA) E ela teve quarenta anos pra procurar.
Lau	Você e uma mulher, morena, velha, com um xale cinza...
Gustarrão	Escolhe qualquer profissão, menos palhaço. O palhaço é escravo do circo. É só o que me lembro de alguém me dizer, nada mais!
Luís	Bem, eu já vou me entregar à inutilidade de nossa vida de mortos. (COLOCA-SE AO FUNDO EM POSIÇÃO DE QUEM DORME.)
Gustarrão	Lembro também de ciganos. Fui vendido por meu pai a ciganos. Era menino ainda, não chorava, mas tinha medo. Uma velha cigana cuida de mim... Não lembro mais, nada!
Ungária	Foi Severo meu marido que lhe ensinou a profissão.
Lau	Lembro dele. Lembro de você.
Gustarrão	(DESESPERADO) Mas eu não lembro!

Ungária Foi a cigana que lhe trouxe ao nosso circo! A mulher de xale.

Gustarrão (LEMBRANDO) Foi. Foi a cigana que me aconselhou a não ser palhaço! Não segui o conselho. (ANIMANDO-SE) Eu me vejo no picadeiro a observar o riso que arranco do público. Velhos desdentados, crianças, gente pobre, descalça, ricos até... Todos com a máscara distorcida do riso e da alegria. Eu faço o riso encher o ar, a noite, a vida das pequenas cidades. Sou um homem preso ao riso dos outros. Preso ao espetáculo, preso a essa máscara que ri. Mas quem sou eu, dona Ungária? Tive amor? Fui feliz? Eu sinto que... talvez, mas como? Em que?

Luís Você não vai se lembrar, Gustarrão. Não se atormente mais!

Gustarrão Preciso! Preciso lembrar pra tentar reviver nas lembranças!

Luís A última coisa que você vai lembrar é de sua morte.

Gustarrão (RESIGNADO) É verdade... Lembro da minha morte. O coração me faltou, me contorci e cai fulminado no picadeiro. O público, inocente, pensou que era um número meu e riu. O público estava certo, era meu último número. (RI. ALGUNS CIRCENSES LENTAMENTE VÃO EM DIREÇÃO A LUÍS PARA COMPOR O CORTEJO.)

Luís Pronto. Acabou. Agora, Gustarrão, você se senta triste, com essa máscara de riso, como faz todos os dias. (GUSTARRÃO RI MAIS. RI DESCONTROLADAMENTE)

Gustarrão Estou me vendo morto, no caixão, vestido de palhaço. Fui enterrado vestido de palhaço como era meu desejo! (RI) Estou ridículo! Um morto que parece feliz!

Luís Você não foi enterrado com roupas de palhaço!

Gustarrão (RI MAIS) Fui! E se não fui, estou lembrando que fui!

Luís (PERPLEXO) Não é possível! Todos os dias você acaba

Lau	É verdade! (UNGÁRIA CONFIRMA COM A CABEÇA)
Gustarrão	Eu pareço um homem triste? (RI)
Íris	Mudou! Alguma coisa mudou!
Mário	O que está acontecendo? O que está mudando no mundo dos mortos?
Marília	Estou com medo!
Gustarrão	De que? De morrer? (RI JUNTO COM MARÍLIA)
Branca	Se movem. Até na morte as coisas se movem! Até aqui as coisas mudam.
Luís	(AINDA PERPLEXO) Como?
Branca	Como não sei. Mas minha história não vai ser aquela que foi. Vai a que inventei!
Luís	É impossível!
Branca	Nada vai ser impossível! (SOA A PRIMEIRA BATIDA DE SINO. MARÍLIA SE MOVE EM DIREÇÃO A LAU E O BEIJA)
Marília	E eu vou saber porque lhe beijei. (SOA A SEGUNDA BATIDA DE SINO)
Gustarrão	(NUMA FELICIDADE INTENSA) Vamos, cambada de mortos! Lote de defunto velho! Bando de falecido! Vamos esquecer tudo que lembramos hoje, pra amanhã lembrar melhor! (COMEÇA A DANÇAR E REBOLAR FELIZ. PEI-DA TALCO. LOGO OS MORTOS SE JUNTAM A ELE NUMA ALEGRIA INTENSA. COMEÇAM A CANTAR E A BATER PALMAS.)

42

Do seu Raimundo
Da dona velha...

(SOA A TERCEIRA PANCADA DE SINO. OS MORTOS PENETRAM, COMO TODOS OS DIAS, NA INCONSCIÊNCIA. SEUS GESTOS SÃO LENTOS MAS SEUS GESTOS SÃO AMPLOS E SUAS EXPRESSÕES SÃO DE FELICIDADE INTENSA. A ÚNICAS EXCEÇÕES SÃO LUÍS QUE ACOMPANHA O CORTEJO DURO E PERPLEXO, E O APRESENTADOR, LAU, QUE SE DIRIGE AO PÚBLICO PARA O EPÍLOGO.)

Epílogo

Os mortos vivem. E os vivos?

Apresentador

Se vocês acreditarem eu testemunho e dou fé de que tudo o que ocorreu aqui, neste tablado, foi verdade. A ousadia da vida penetrou neste mundo de mortos. E já não podemos enterrar o circo. Foi ele que nos soprou a vida e se enterrarmos nossas lembranças, juntamente com ele, estaremos definitivamente mortos! (SOA A QUARTA BADALADA DE SINO) Bendito circo que vicejou em nossas pequenas cidades e nos fez crer, desejar e viver o espetáculo. E aprender que a vida e a morte seguem a mesma sempre igual até que mudam. Meu Deus como sonhamos essa mudança que era impossível! Não existe o impossível! (OS CIRCENSES ACORDAM POR INSTANTES E RIEM NUM CURTO MOMENTO DE FELICIDADE, COMO NUM SONHO. SOA A QUINTA BADALADA. APRESENTADOR TORNA-SE AFLITO.) Queria estender este momento pela eternidade(!), mas a fala já torna difícil e ...a memória do mistério e milagre do que aqui aconteceu já se desvanece. Pára tempo e que a última badalada não soe! Tudo começa a se dissolver e o que vivi hoje, aqui, é apenas um espetáculo no fim. Que vamos repetir amanhã... mudado! E sempre. Sempre mudado! Despeço-me de vocês com ternura e admirando e invejando tanta vida que ainda há em vocês. Os mortos querem ardentemente viver e os vivos o que querem? Boa

noite. (DIRIGE-SE FELIZ AO GRUPO DE CIRCENSES.
SOA A ÚLTIMA BADALADA. MÚSICA CIRCENSE IR-
ROMPE E OS MORTOS TÊM UM ÚLTIMO ESTERTOR
QUE MAIS PARECE UM SOPRO DE VIDA.)

FIM

Ribeirão Pires, 16 de julho de 2003

Qualquer utilização deste texto, parcial ou total,
deve ter a autorização do autor:

Luis Alberto de Abreu

Rua Rui Barbosa, 33

09400-000 – Ribeirão Pires – SP

Telefone: (0xx11) 4828-7230

e-mail: luabreu@uol.com.br